

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf CAIO CESAR ALEXANDRE NEVES DE OLIVEIRA

**O BATALHÃO DE INFANTARIA NO ATAQUE A LOCALIDADE: UMA REVISÃO
LITERÁRIA DO CAPÍTULO 4, ARTIGO IX, DO MANUAL DE CAMPANHA BATALHÕES
DE INFANTARIA, C7-20**

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf CAIO CESAR ALEXANDRE NEVES DE OLIVEIRA

**O BATALHÃO DE INFANTARIA NO ATAQUE A LOCALIDADE: UMA REVISÃO
LITERÁRIA DO CAPÍTULO 4, ARTIGO IX, DO MANUAL DE CAMPANHA
BATALHÕES DE INFANTARIA, C7-20**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Aperfeiçoamento de Oficiais como
requisito parcial para a obtenção do
grau especialização em Ciências
Militares.

Orientador: Maj Inf Schilling

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf CAIO CESAR ALEXANDRE NEVES DE OLIVEIRA

**O BATALHÃO DE INFANTARIA NO ATAQUE A LOCALIDADE: UMA REVISÃO
LITERÁRIA DO CAPÍTULO 4, ARTIGO IX, DO MANUAL DE CAMPANHA
BATALHÕES DE INFANTARIA, C7-20**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Aperfeiçoamento de Oficiais como
requisito parcial para a obtenção do
grau de especialização em Ciências
Militares.

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

ROBERTO NUNES RIBEIRO FILHO – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

SAMUEL SCHILLING DA SILVEIRA – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

FELIPE LOPES BRANDÃO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

AGRADECIMENTOS

A Deus por me fazer superar os desafios impostos durante este ano com sabedoria, saúde e discernimento para poder concluir este trabalho de conclusão de curso.

Ao meu pai pelo exemplo, apoio e orientações em todos os momentos de minha vida.

A minha esposa por toda dedicação e apoio para que eu pudesse concluir este estudo e a ESAO da melhor maneira possível.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma revisão e análise da doutrina existente no manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C7-20) em seu capítulo 4, Artigo IX, onde trata do emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, com a finalidade de atualizá-lo, com acréscimos ou retificações. Para alcançar os resultados esperados utilizaremos, como método, uma pesquisa indutiva com o intuito de adquirir dados mais claros e precisos através de pesquisas documentárias e bibliográficas, além disso, também será realizada uma pesquisa comparativa, analisando a doutrina brasileira e a norte-americana, com o intuito de verificar alinhamentos e divergências no emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade. Como resultado, esperamos poder contribuir com o Exército Brasileiro realizando uma análise doutrinária do emprego da Força no ataque a localidade, verificando se há necessidade de atualização, com retificações ou se a doutrina existente está de acordo com as necessidades atuais de emprego.

Palavras chaves: Revisão, Análise da Doutrina, Manual de Campanha Batalhões de Infantaria, Batalhões de Infantaria no Ataque a Localidade.

ABSTRACT

The present work aims to carry out a review and analysis of the existing doctrine in the Infantry Battalions Campaign publication (C7-20) in its chapter 4, Article IX, where it deals with the use of the Infantry Battalion in attacking the locality, with the purpose of to update it, with possible additions or rectifications. To achieve the expected results, we will use, as a method, an inductive research in order to acquire clearer and more precise data through documentary and bibliographic research. In addition, a comparative research will also be carried out, analyzing Brazilian and North American doctrine, in order to verify possible alignments and divergences in the use of the Infantry Battalion in the attack on the locality. As a result, we hope to be able to contribute to the Brazilian Army by conducting a doctrinal analysis of the use of the Force in attacking the locality, checking if there is a need for updating, with possible rectifications or if the existing doctrine is in accordance with the current employment needs.

Key words: Revision, Doctrine Analysis, Infantry Battalions Campaign publication, Infantry Battalion in attacking the locality .

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA.....	9
1.1.1 Antecedentes do Problema.....	9
1.1.2 Formulação do Problema.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	10
1.2.1 Objetivo Geral.....	10
1.2.2 Objetivos Específicos.....	10
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO OU HIPÓTESE.....	11
1.4 METODOLOGIA.....	11
1.4.1 Objeto formal de estudo.....	11
1.4.2 Amostra.....	12
1.4.3 Delineamento da pesquisa.....	12
1.4.4 Procedimentos para revisão da literatura	12
1.4.5 Procedimentos Metodológicos.....	13
1.4.6 Instrumentos.....	13
1.4.7 Análise de dados.....	13
1.5 JUSTIFICATIVA.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 CONSIDERAÇÕES DO MANUAL DE CAMPANHA BATALHÕES DE INFANTARIA C 7-20.....	17
2.2 CONSIDERAÇÕES DO MANUAL DE CAMPANHA OPERAÇÃO EM ÁREAS EDIFICADAS.....	22
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MANUAIS NORTE-AMERICANOS	24
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXO B – PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO MANUAL DE CAMPANHA BATALHÕES DE INFANTARIA C 7-20	

1. INTRODUÇÃO

A História mundial nos mostra um desenvolvimento das áreas urbanas com a população mundial migrando de maneira significativa da área rural para os centros urbanos. No início do século XVIII, apenas cerca de 3% da população mundial vivia em ambientes urbanos, porém o processo de migração para os centros urbanos iniciou com o advento da I Revolução Industrial, causando um grande êxodo rural. A Segunda Guerra Mundial também foi uma das responsáveis pela troca do campo pela cidade, pois as pessoas foram em busca de melhores condições para sobreviver.¹

Essa mudança no cenário mundial impactou de uma forma significativa os conflitos armados, fazendo com que as Forças Armadas buscassem uma evolução na forma de combater, agora em um cenário envolvendo diversos fatores distintos que se relacionam de forma intensa, como população, infraestruturas, terrenos e meios de comunicação em massa. (BRASIL, 2018, p 1-1).

Após o crescimento das populações nos ambientes urbanos, inevitavelmente houve um aumento dos conflitos em áreas urbanas. Dessa forma, houve uma grande necessidade de atualização da doutrina para emprego das tropas nessas regiões, em nossos manuais.

A Doutrina Militar Terrestre, como um dos principais vetores do Processo de Transformação do Exército na era do conhecimento, na busca da efetividade, baseia-se na permanente atualização em função da evolução da natureza dos conflitos, resultado das mudanças da sociedade e da evolução tecnológica aplicada aos assuntos de defesa. (BRASIL, 2019, P 1-1)

No Brasil a evolução dos conflitos armados não foi diferente. Nos dias atuais a atuação em áreas edificadas vem se tornando cada vez mais crescente, tornando inevitável esse tipo de combate.

Observando-se os conflitos armados recentes, percebe-se que, cada vez mais, fica difícil evitar os combates em áreas urbanas. O crescimento dos centros urbanos, o êxodo rural e a grande influência da opinião pública mundial nas operações têm contribuído para a busca de táticas, técnicas e procedimentos mais adequados para combater em ambiente operacional urbano. (YAMASHITA, 2013, p. 1).

¹ DELFIN, Leonardo. Urbanização Mundial. Globo.com, 2021. Disponível em <https://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-mundial.html>. Acesso em 24 de fevereiro de 2021.

No contexto das Operações de Garantia da Lei e da Ordem podemos observar a atuação do Exército Brasileiro em diversas oportunidades tais como: Pacificações dos Complexo do Alemão e Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, greve das Polícias Militares em Estados como Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará².

Em um contexto de Operação Ofensiva, em um ataque a localidade, é necessário levar em consideração todos os fatores que envolvem as Operações em Áreas Edificadas e todos os elementos nela envolvidos, mesmo que a finalidade seja distinta a uma pacificação. (BRASIL, 2018).

1.1 PROBLEMA

1.1.1 Antecedentes do Problema

Na evolução do combate a localidade um Batalhão de Infantaria apresenta diversas possibilidades de atuação, principalmente com o advento de tecnologias que vieram agregar valor no desenrolar desse tipo de operação. Porém, também podemos observar algumas limitações no ataque a localidade, principalmente em relação aos fatores implícitos nas características de uma operação envolvendo o amplo espectro dos conflitos. (BRASIL, 2007).

O Exército Brasileiro por meio do Manual de Campanha Batalhões de Infantaria, 2007 (C7-20), em seu capítulo 4, ofensiva, aborda o ataque a localidade e como um Batalhão de Infantaria pode ser empregado nessas operações em suas três fases: fazendo parte ou constituindo a Força que isola a localidade, fazendo parte ou constituindo a força que investe na localidade e constituindo a força que isola e investe na localidade.

Para cumprir essas missões o Batalhão de Infantaria pode contar com diversos elementos em reforço, como carros de combate, cavalaria mecanizada, helicóptero (controle operacional), engenharia e ou apoio ou reforço de artilharia. (BRASIL, 2007, p 4-110).

Em contrapartida a presença da população civil, no caso de área urbana, edificações, como casas, hospitais e escolas, ruas estreitas e outros fatores de uma

² Exército Brasileiro. Força de Pacificação do Complexo da Maré completa 1 ano. Noticiário do Exército, 2015. Disponível em http://www.eb.mil.br/web/midia-impressa/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/IZ4bX6gegOtX/content/forca-de-pacificacao-do-complexo-da-mare-completa-1-ano?inheritRedirect=false. Acesso em 24 de fevereiro de 2021.

localidade, criam uma série de limitações da atuação de um Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, bem como na utilização de elementos em reforço a este tipo de operação. (BRASIL, 2018).

Como exemplo de país que empregou suas tropas, podemos observar que os Estados Unidos da América possuem uma grande experiência em combates e que muitos desses conflitos ocorreram em uma área edificada com todas as particularidades desses locais.

1.1.2 Formulação do Problema

Desse modo, levando-se em consideração um aumento crescente e inevitável de operações em ambiente urbano, surge o seguinte questionamento:

A doutrina do Exército Brasileiro que trata do Emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade necessita de atualização?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Realizar uma revisão literária do capítulo 4, artigo IX do manual de campanha Batalhões de Infantaria, C7-20, que trata do emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade.

1.2.2 Objetivos Específicos

A fim de alcançar o resultado esperado, observando o objetivo geral, foram levantados objetivos específicos para conduzir de forma coerente à consecução do trabalho.

- Identificar as características e conceitos básicos dos conflitos em áreas edificadas e em áreas urbanas;
- Identificar quais as missões e as razões de emprego de um Batalhão de Infantaria no ataque a localidade no Brasil;
- Identificar e analisar o emprego das fases do ataque à localidade e o planejamento das ações no ataque a localidade no Brasil;

- Identificar e analisar como os EUA empregam suas tropas no ataque a localidade;
- Realizar uma análise comparativa entre a doutrina norte americana e a doutrina brasileira;

1.3 Questões de Estudo

- a) Quais as características e conceitos básicos dos conflitos em áreas edificadas e em áreas urbanas?
- b) Quais são e como são empregadas as fases do ataque à localidade?
- c) Como os EUA empregam suas tropas no ataque à localidade?
- d) Quais são as diferenças entre a doutrina norte americana e a doutrina brasileira?
- e) Há necessidades de atualizações na doutrina do emprego do Batalhão de Infantaria no ataque à localidade? Se há, quais atualizações?

1.4 METODOLOGIA

1.4.1 Objeto formal de estudo

O presente trabalho tem como tema geral “O Batalhão de Infantaria no Ataque a Localidade”.

O objeto formal de estudo do trabalho é verificar se os aspectos doutrinários do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade previstos no manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C7-20) estão condizentes com a atual conjuntura de emprego nesse tipo de operações, realizando uma comparação com a doutrina norte-americana.

Desta maneira, temos como variáveis a evolução ou mudanças de entendimento das ações de emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, que será definida como variável independente, observando que o seu atendimento influenciará diretamente no “emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade”.

Já, o “emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade” constitui a variável dependente, pois dependerá da evolução ou mudanças de entendimento das ações de emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade.

1.4.2 Amostra

Neste instrumento de pesquisa será realizada uma revisão literária do ataque a localidade realizado pelo Batalhão de Infantaria, observados nos manuais e artigos científicos que tratam sobre esse assunto no Brasil, bem como a observação de manuais norte-americanos que abordam esse tipo de operação. Com o objetivo de verificar possíveis atualizações ou perceber algum equívoco em nosso manual.

Ainda como intuito desse instrumento, verificar se existe alguma divergência de doutrina em comparação com a doutrina norte-americana no que diz respeito ao Batalhão de Infantaria no ataque a localidade.

1.4.3 Delineamento da pesquisa

Quanto ao método da pesquisa utilizado, buscar-se-á realizar uma pesquisa indutiva, na qual se almeja obter um entendimento mais claro daquilo que está disposto por meio da análise de documentações e pesquisas bibliográficas que tratam sobre o tema, valendo-se, assim, de um conhecimento mais amplo (MARCONI, 2003)

Será realizado também uma pesquisa comparativa com a doutrina de outros países, verificando se as doutrinas de outros países estão alinhadas com a brasileira e se enquadram com o emprego do Exército Brasileiro.

No que diz respeito ao tipo de pesquisa, será realizada uma pesquisa bibliográfica, onde serão analisados manuais do Exército Brasileiro e manuais americanos, além de artigos científicos que tratam sobre o tema, visando uma análise comparativa.

1.4.4 Procedimentos para revisão da literatura

Para a revisão da literatura usou-se como base as seguintes fontes: trabalhos acadêmicos; manuais de campanha nacional e estrangeiro que tratam do emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade e de operações em áreas edificadas.

Foram utilizadas ainda, como estratégias de busca nas bases de dados eletrônicas, os seguintes termos: ataque a localidade, áreas edificadas, operações urbanas, juntamente com seus correlatos em inglês na base de dados da Biblioteca Digital do Exército, plataforma EB Conhecer, em sítios eletrônicos de procura na internet e mecanismo de busca Google Acadêmico.

1.4.5 Procedimentos Metodológicos

As ações realizadas até a coleta de dados foram as de levantamento do problema e definição das variáveis a serem estudadas. A partir daí, tendo por base as hipóteses levantadas, buscaram-se informações do tema em pauta por meio das fontes e estratégias já mencionadas.

O estudo proposto será o de análise de doutrina, em busca de confirmação ou possível atualização da doutrina do Exército Brasileiro no emprego do batalhão de Infantaria no ataque a localidade, buscando o correto entendimento acerca desse tema, realizando, uma revisão literária da nossa doutrina.

1.4.6 Instrumentos

Para cumprir a destinação dessa pesquisa, será realizada uma coleta documental por intermédio de manuais, artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso, com o intuito de manter a doutrina do Exército Brasileiro atualizada ou, se for o caso, realizar alguma retificação.

1.4.7 Análise dos Dados

Será realizada uma análise qualitativa dos dados no estudo realizado que segundo Minayo “responde a questões muito particulares”.

Esta última se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p. 22).

Esta forma de abordagem permitirá um aprofundamento na análise comparativa com a finalidade de revisar a nossa literatura doutrinária acerca do emprego no ataque a localidade por um Batalhão de Infantaria.

1.5 JUSTIFICATIVA

O Ataque a localidade pode ocorrer em áreas edificadas, com ou sem a presença de não combatentes ou em áreas urbanas, havendo divergência pela ausência de edificações nas áreas urbanas.

É notório que as operações em ambientes urbanos passaram a dominar os conflitos armados nos tempos contemporâneos, exigindo uma evolução e atualização das doutrinas dos Exércitos pelo mundo.

Os EUA colocam as implicações táticas das áreas urbanas em seu manual dando ênfase nas consequências do aumento populacional:

A condução eficaz das operações urbanas requer uma compreensão básica dos ambientes urbanos. Atualmente, mais de 50 por cento da população mundial vivem em áreas urbanas e provavelmente aumentará para 70 por cento até 2050, tornando as operações militares nas cidades inevitáveis e a norma. Em algumas áreas, aumentos populacionais aconteceram mais rapidamente do que a capacidade dos governos locais e nacionais de fornecer governança, infraestrutura, segurança e serviços básicos. (EUA, 2017, p 1-1, tradução nossa)

Os fatos do aumento populacional em grandes centros urbanos, bem como o desenvolvimento dessas cidades, foram fundamentais para o aumento das operações em áreas edificadas.

Combatentes irregulares e organizações criminosas atuam em áreas densamente povoadas. Essas áreas proporcionam anonimato, facilidades logísticas, além da possibilidade de danos colaterais para civis inocentes. (BRASIL, 2018, p 1-1)

Ao verificar o histórico dos conflitos e os fatores existentes nos combates urbanos citados anteriormente, nota-se que a Força deve manter uma constante atualização acerca do emprego de tropas nestas áreas.

A importância do estudo se dá pela necessidade de buscar uma constante atualização doutrinária sobre a forma de atuação de um Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, levando em consideração a mudança no cenário dos conflitos para essas áreas, com todas as características desse tipo de operação.

O presente trabalho tem por finalidade realizar uma revisão literária do capítulo 4, artigo IX, do manual de campanha Batalhões de Infantaria, C7-20, que trata do

emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, analisando manuais do Exército, manuais internacionais e trabalhos acadêmicos, com o intuito de contribuir, verificando se há necessidade de possíveis atualizações na doutrina atual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Seguindo a metodologia da pesquisa científica, para embasar as questões de estudo, este trabalho baseou-se em manuais e trabalhos acadêmicos que tratam do ataque a localidade.

Dentre os nossos objetivos está a identificação das características e dos conceitos básicos das áreas edificadas e áreas urbanas para que se possa ter um entendimento das áreas que as tropas serão empregadas.

Operação em área edificada – está listada entre as operações complementares e tem como propósito obter e manter o controle, total ou parcial, de uma área edificada ou negá-la ao inimigo. O ambiente edificado pode ser urbanizado e contar com a presença de não combatentes ou evacuados. As áreas onde há fortificações de alvenaria construídas para fins militares (proteção) se enquadram no conceito de área edificada. (BRASIL, 2018, p 1-3)

Neste processo, também é importante saber os fundamentos da Operação em área edificada para entender a importância da conquista e domínio da área.

As áreas edificadas são, em geral, acidentes capitais importantes que oferecem portos, aeroportos, terminais rodoferroviários, zonas industriais e infraestruturas críticas (usinas nucleares, refinarias de petróleo etc.) (BRASIL, 2018, p 2-1).

O Manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C 7-20), trata do Ataque a Localidade e traz as possibilidades e as razões para qual uma força atacante realiza o referido ataque, além de outros detalhes que serão abordados neste estudo.

Para entendermos como o Batalhão de Infantaria atua no ataque a localidade é necessário saber as suas missões neste tipo de operação, suas possibilidades e limitações. O capítulo IX do Manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C 7-20) detalha as possibilidades para um atacante, as fases da operação, o planejamento das ações no reconhecimento, isolamento, investimento e os reforços possíveis a um batalhão de infantaria: artilharia, carros de combate, cavalaria mecanizada, helicóptero (controle operacional) e engenharia. Nesse capítulo também é abordado o processo de execução nas três fases da operação.

No Manual de Campanha EB70-MC-10.303, Operação em Área Edificada é possível verificar os conceitos básicos e fundamentos de áreas edificadas, os tipos de ataques (ataque coordenado e ataque de oportunidade) e as formas de ataque (envolvimento, desbordamento, infiltração, penetração, ataque frontal) em uma área edificada.

Como forma de realizar uma análise literária da doutrina do emprego do Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, foi feita uma análise em manuais dos EUA e nos nossos manuais, para que fossem verificadas necessidades de atualizações nos aspectos doutrinários.

Os manuais dos EUA utilizados como base foram o manual ATP 3-06 MCTP 12-10B Urban Operations e o ATP 3-21.20, Infantry Battalion.

Analisando o manual norte-americano ATP 3-06 MCTP 12-10B Urban Operations, percebemos como a população pode interferir nas operações nas áreas edificadas:

[...] Operações militares que devastam grandes quantidades de infraestrutura podem resultar em mais vítimas civis do que diretamente causadas pelo próprio combate. Destruição excessiva de infraestrutura nos EUA que causa o sofrimento generalizado entre as pessoas, pode transformar o sentimento inicial neutro ou positivo em relação às forças dos EUA em hostilidade que pode mobilizar rapidamente as populações e mudar a natureza do problema militar. (EUA, 2017, p 1-2, tradução nossa)

Ainda analisando os manuais americanos verifica-se como a doutrina norte-americana emprega um Batalhão de Infantaria no ataque a localidade, os tipos e formas de ataque, suas limitações e possibilidades.

Ainda como fonte de literatura para o nosso estudo foram analisados trabalhos acadêmicos que tratam do assunto para ampliar as nossas fontes de comparação e análise da literatura.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MANUAL DE CAMPANHA BATALHÕES DE INFANTARIA (C 7-20)

Para que se chegue no objetivo final do estudo deste trabalho de conclusão de curso é interessante entender as missões e capacidades que um Batalhão de Infantaria pode realizar em um ataque a localidade, bem como entender as razões que podem levar o atacante a conquistar uma localidade. Para isso, utilizamos os conceitos existentes no manual C 7-20.

O Manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C 7-20), nos mostra esses conceitos no capítulo 4, artigo IX. Inicialmente, em relação as missões.

Segundo o manual C 7-20:

Em presença de uma localidade defendida, o atacante pode: 1) desbordá-la, isolá-la ou cercá-la; 2) torná-la insustentável, pelo bombardeio e pelo

incêndio; e 3) atacá-la sistematicamente e capturá-la". (BRASIL, 2007, p 4-109)

As missões citadas no manual C 7-20, mostram as possibilidades de um Batalhão de Infantaria no ataque a localidade e a escolha da possibilidade a ser utilizada vai depender de alguns fatores, como, por exemplo, presença do inimigo na localidade, bem como a razão para se conquistar essa localidade, como abordaremos a seguir.

O manual explica as razões que leva o atacante a conquistar uma localidade. De acordo com o C 7-20 as razões são as seguintes:

[...]1) somente a conquista da localidade lhe permitirá a utilização integral das estradas que para ela normalmente convergem; esta necessidade de conquista, obviamente, é tanto maior quanto maior a importância da localidade como nó rodoviário; 2) eliminação da ameaça potencial aos flancos e retaguarda da tropa atacante, representada pela existência de uma localidade desbordada ou mesmo cercada; 3) liberação, o mais cedo possível, das forças de contenção que fazem face à localidade, com o objetivo de emprega-las em outras missões; 4) captura de objetivo tático importante no interior da localidade ou por ela dominado, como por exemplo, uma passagem no curso de água ou um aeródromo; 5) para proporcionar proteção e conforto às tropas, particularmente nos casos de clima frio ou em época de chuvas intensas, em terreno montanhoso e nas selvas; e 6) por questões morais, de prestígio perante a opinião pública e de estímulo ao espírito combativo da tropa, caso a localidade conquistada seja um importante centro de valor histórico, político econômico ou militar. (BRASIL, 2007, p 4-109 e p 4-110).

Podemos observar que as inúmeras razões elencadas no próprio manual de campanha C 7-20, mostra o quanto é importante, nos dias atuais, a conquista de uma localidade para o êxito em uma operação militar.

Após entender as missões de um Batalhão de Infantaria e as razões para o mesmo conquistar uma localidade o manual C 7-20 trata do emprego do Batalhão, as fases do ataque e o planejamento das ações.

No emprego a uma localidade podemos observar que o manual brasileiro C 7-20 cita de maneira rápida as possibilidades de reforço numa operação de ataque a localidade.

Ainda no emprego do Batalhão de Infantaria em um combate a localidade o manual C 7-20 divide o ataque em fases que são: isolamento da localidade; conquista de uma área de apoio na periferia da localidade; e progressão no interior da localidade.

É importante analisar essas fases para entender como um BI atua nesse tipo de ataque. O manual detalha cada fase do ataque conforme os trechos abaixo:

A primeira fase se destina ao isolamento ou ao cerco da localidade. O isolamento compreende o bloqueio das vias terrestres e aquáticas de entrada

e saída da área considerada, tem por finalidade impedir a chegada de reforços e suprimentos para os elementos isolados, bem como impedir o retraimento destes. O cerco difere do isolamento pelo grau de controle exercido sobre os movimentos de entrada e saída da área. Caracteriza-se pelo controle total do perímetro de infiltração/exfiltração, quer por meio de ocupação de P Obs, emprego de patrulhas ou uma combinação de ambos, além do bloqueio das vias terrestres e aquáticas (realizado tal como isolamento). O atacante ocupará, então, posições de bloqueio fora da área edificada, mas das quais poderá apoiar pelo fogo a entrada nessa área e a progressão através desta. (BRASIL, 2007, p 4-111)

Em relação à segunda fase o manual traz a seguinte consideração:

A segunda fase consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área edificada e na conquista de alguns prédios (área de apoio) na orla anterior da localidade (aproximadamente 1 (um) quarteirão), para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as Via A à localidade. As cobertas e abrigos oferecidos por esses prédios conquistados na periferia da cidade – área de apoio – permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para a frente as armas de apoio, reservas e reajustar o dispositivo. (BRASIL, 2007, p 4-111)

Em relação à terceira fase o manual trás a seguinte consideração:

A terceira fase consiste na progressão sistemática, de casa em casa, quarteirão por quarteirão, através da área edificada. Nesta fase, adquire particular importância a coordenação das unidades empenhadas. (BRASIL, 2007, p 4-111)

No planejamento das ações podemos observar que o C 7-20 detalha o que deve ser planejado em todas as fases do ataque a localidade, desde o reconhecimento, passando pelo isolamento, investimento, apoio com emprego de Artilharia, carros de combate, Cavalaria Mecanizada, lança-chamas, metralhadoras, morteiros, meios anticarro, helicóptero, Comunicações e Engenharia.

Em relação ao reconhecimento o C 7-20 diz que “ (1) O reconhecimento é contínuo e deve ser realizado desde o recebimento da missão, identificando-se quando as ações de isolamento ou cerco à localidade têm início” (BRASIL, 2007, p 4-109). No planejamento do reconhecimento o manual brasileiro detalha o que deve ser planejado e adquirido na Busca de Dados, em todas as fases do ataque a localidade, tratando de aspectos importantes da área e do inimigo.

No planejamento do isolamento o C 7-20 apresenta que durante o processo de decisão, na montagem da linha de ação para o isolamento ou cerco o Comandante deve atentar, principalmente, para a: “ (a) seleção dos objetivos mais adequados ao isolamento / cerco; (b) definição das direções de ataque das suas peças de manobra e (c) definição do ataque principal” (BRASIL, 2007, p 4-110). O manual brasileiro apresenta, ainda, o planejamento dos objetivos, das direções, do ataque principal, zona de ação, limites e poder de combate.

Para o planejamento do investimento o manual brasileiro aborda aspectos importantes na decisão, nos objetivos, nas direções, no ataque principal, nas linhas de controle, nas zonas de ação, nos limites, no poder de combate e na reserva.

Quanto ao objetivo o C 7-20 aborda que os mesmos devem ser planejados levando-se em consideração a posição relativa (na orla anterior, na orla posterior e no interior da localidade), a segurança, a limpeza e a coordenação. E ainda mostra aspectos importantes acerca da obrigatoriedade da marcação dos objetivos, como mostra o trecho do C 7-20 a seguir:

Caso a Bda marque apenas os objetivos da orla posterior, o Cmt Btl marcará os objetivos na orla anterior e optará ou não pela marcação de objetivos no interior da localidade. A obrigatoriedade da marcação do objetivo na orla anterior se justifica pela marcante mudança de ritmo da operação associada às imposições de segurança, uma vez que, as Vias A de abordagem da localidade são interdependentes por força das estreitas frentes atribuídas às peças de manobra de 1º escalão. Caso a Bda marque a localidade como um todo à guisa do objetivo, caberá ao Btl marcar tanto os objetivos na orla anterior como os da orla posterior (finais) e intermediários (de limpeza e de segurança). (BRASIL, 2007, p 4-115)

O manual C 7-20 nos mostra os fatores determinantes para o planejamento do ataque principal, de acordo com o trecho abaixo:

- (a) Para conquista de objetivos na orla anterior:
- 1) regiões que melhor retiram a observação terrestre e os fogos diretos do inimigo sobre as Via A para a abordagem da localidade, função do grau de mascaramento e dominância oferecido pelo terreno e edificações; e
 - 2) regiões que abrem prosseguimento para o interior da localidade em melhores condições, em virtude, principalmente, da favorabilidade relativa das Via A de prosseguimento.
- (b) Para conquista de objetivos na orla posterior:
- 1) regiões que melhor caracterizam a ultimação da limpeza da localidade definido pelos quarteirões mais avançados, edificações e terreno dominantes e pela densidade das construções; e
 - 2) regiões que possibilitem melhores condições de prosseguimento após investimento caracterizado pela proximidade e dominância dos objetivos sobre nova Via A (eixo de prosseguimento). (BRASIL, 2007, p 4-115 e p 4-116)

Em relação à reserva o manual C 7-20 aborda que suas missões básicas são repelir contra-ataques e realizar a limpeza das zonas desbordadas. Além destas missões básicas o manual apresenta outras: “1) atuar de flanco contra uma resistência inimiga que detenha uma das peças do escalão de ataque, beneficiando-se da progressão da peça vizinha; 2) corrigir erros de direção; e 3) substituir uma das peças do escalão de ataque.” (BRASIL, 2007, p 4-118).

Outro ponto importante que o manual C 7-20 apresenta em relação a reserva no investimento é em relação a sua localização:

(c) Considerando a grande disponibilidade de cobertas e abrigos em área urbanas, conclui-se que as reservas terão condições de se deslocar imediatamente à retaguarda do primeiro escalão em condições de prontamente intervir no combate. A reserva da Bda, em princípio, segue o escalão de ataque defasada de 1 (um) a 3 (três) quarteirões, a do Btl de 1 (um) a 2 (dois) quarteirões e a da companhia provavelmente no mesmo quarteirão dos pelotões que realizam a limpeza. (BRASIL, 2007, p 4-118).

Como citado anteriormente o C 7-20 também aborda os aspectos relevantes de devem ser levados em consideração no que diz respeito a Artilharia, carros de combate, Cavalaria Mecanizada, lança-chamas, metralhadoras, morteiros, meios anticarro, helicóptero, Comunicações e Engenharia durante as três fases da operação.

Segundo o C 7-20 durante a Execução o ataque a localidade se desenvolve nas três fases em que foi planejado, conforme trecho abaixo:

O ataque se desenvolve nas três fases em que foi planejado. Não há, quanto à execução, separação nítida nem demora prolongada entre a segunda e terceira fase. Uma vez conquistada a aérea de apoio e cerrados os meios à frente, tem início a terceira fase, como natural prosseguimento da segunda. O Cmt intervém no combate como em outras operações ofensivas. (BRASIL, 2007, p 4-122)

Ainda de acordo com o C 7-20 a conquista dos objetivos de isolamento é feita nos mesmos moldes de um ataque em terreno normal, conforme trecho do manual:

Isolamento da localidade (primeira fase) - A conquista dos objetivos de isolamento é feita nos mesmos moldes que um ataque em terreno normal. O Cmt da tropa que planeja esta fase da operação deve prever um dispositivo, nos objetivos de isolamento, que permita a segurança em todas as direções, de modo a que possa cumprir eficientemente a sua missão. (BRASIL, 2007, p 4-122)

Na segunda fase (conquista da área de apoio) o manual apresenta as seguintes considerações:

- 1) Processa-se de maneira semelhante ao ataque a uma posição organizada em terreno normal.
- 2) A fim de neutralizar as vantagens do defensor quanto à vistas, campos de tiro e abrigos, a progressão para a orla da cidade se fará sob a proteção de fogos intensos de morteiros, metralhadoras, artilharia, carros de combate, mísseis e aviação. Emprega-se fumígenos com freqüência, seja para cegar observatórios, seja para encobrir movimentos em terreno descoberto.
- 3) Após a conquista da área de apoio, na orla, o escalão de ataque deve ser reorganizado de sorte a permitir:
 - a) o reajustamento do dispositivo das pequenas unidades, particularmente no nível pelotão, visando constituir as equipes de infantaria-carros-armas de apoio;
 - b) deslocamento das armas de apoio e das reservas para a orla da localidade;
- 4) A permanência na área de apoio deve ser reduzida ao mínimo estritamente necessário a essa reorganização. (BRASIL, 2007, p 4-122)

Já no progresso no interior da localidade (terceira fase) o manual C 7-20

apresenta o seguinte:

Nessa fase, as ações se descentralizam para os comandos subalternos, até o escalão pelotão e, muitas vezes, grupo de combate. A progressão é lenta e coberta pelo fogo. O escalão de ataque normalmente, evita progredir pelas ruas, porque são batidas pelos fogos inimigos. Sua progressão será feita através de quintais ou de quarteirões, através dos prédios, por brechas abertas nas paredes, ou pelos telhados. As ruas transversais, mesmo que não tenham sido designadas como linhas de controle, apresentam às pequenas frações uma ocasião de reajustamento do dispositivo, antes de prosseguir para a conquista do quarteirão seguinte. As reservas devem progredir o mais à frente que for possível, para permitir maior segurança ao escalão de ataque, não apenas nos flancos, mas, também, à retaguarda, pela ocupação de prédios já conquistados, para impedir a sua retomada pelo inimigo. Os CC atuam como armas autopropulsadas e anticarro, em reforço aos menores escalões. Esta fase oferece inúmeras possibilidades de surpresa e de riscos para o atacante, não só pela localização das armas da defesa em locais imprevisíveis e difíceis de determinar, como, também pelo abundante emprego, por parte do defensor, de minas, armadilhas e demolições preparadas, e pela utilização de Via A subterrâneas, ao nível do solo, através dos andares dos prédios e, mesmo, pelos telhados. (BRASIL, 2007, p 4-122 e 123)

Finalizando a Execução, o manual C 7-20 trata da limpeza após o investimento, no qual apresenta que “ Nas localidades fortemente defendidas, a limpeza é feita, casa a casa, quarteirão por quarteirão, pelo escalão de ataque, à medida que progride, permitindo assim que a reserva esteja em condições de emprego numa missão qualquer.” (BRASIL, 2007, p 4-123).

2.2 CONSIDERAÇÕES DO MANUAL DE CAMPANHA OPERAÇÃO EM ÁREAS EDIFICADAS

A ideia central deste tópico é apresentar alguns importantes conceitos que Manual de Campanha Operações em Áreas Edificadas do Exército Brasileiro apresenta acerca do ataque a localidade.

O Manual de Campanha Operações em Áreas Edificadas aborda de uma forma completa as Operações em áreas urbanas e dentro deste escopo trás detalhes do ataque em áreas edificadas.

O manual apresenta em seu capítulo primeiro fundamentos da operação em área edificada, onde mostra aspectos importantes como considerações gerais, levantamentos de objetivos, ações básicas a serem executadas, características das operações em áreas edificadas.

Vale ressaltar que o Manual de Campanha Operações em Áreas Edificadas apresenta conceitos sobre as dimensões física, humana e informacional. Dimensões que estão presentes em uma Operação de Combate a Localidade.

Dentro da Dimensão Humana o manual apresenta aspectos que são as características multidimensionais do terreno – espaço aéreo, superfície e subsolo, representado na figura abaixo presente no manual.

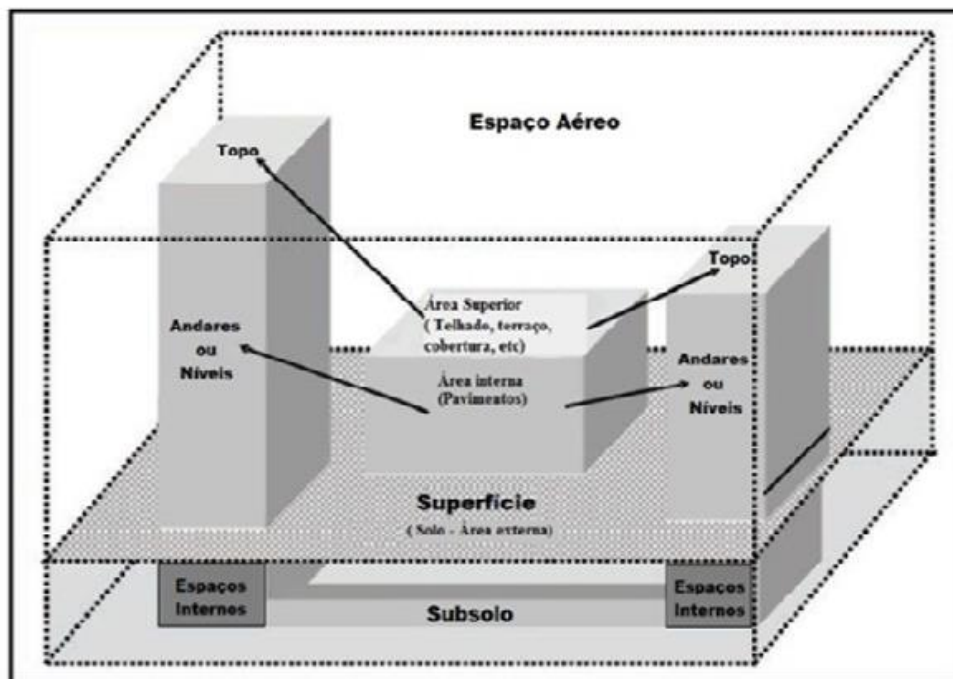


Fig 2-2 Multidimensionalidade das áreas edificadas

No capítulo terceiro que trata de Operações Ofensivas o referido manual divide o ataque em áreas edificadas em três etapas: “isolamento a localidade, conquista de uma área de apoio em sua periferia e progressão no interior da localidade”. (BRASIL, 2018, p 3-5).

Sobre o isolamento o manual tratado apresenta o seguinte:

O isolamento é feito mediante a conquista de regiões ou edificações que dominem as vias de acesso à localidade e que possibilitem o apoio, particularmente de fogo, ao investimento e à progressão em seu interior. Seu principal objetivo é impedir que o inimigo receba reforços ou suprimentos. (BRASIL, 2018, p 3-5)

Sobre a conquista de uma área de apoio na periferia da cidade o Manual de Campanha Operações em áreas urbanas apresenta o seguinte:

A conquista de uma área de apoio na periferia da localidade consiste na captura de prédios em sua orla anterior ou acidentados capitais, a fim de eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor, permitindo ao atacante o deslocamento de suas armas de apoio e reservas. (BRASIL, 2018, p 3-5)

Outro importante aspecto a ser abordado é que de acordo com o manual de campanha Operações em áreas urbanas: “A progressão no interior da área edificada

pode adotar três métodos de execução – o seletivo, o sistemático ou o misto, conforme observado na figura abaixo.” (BRASIL, 2018, p 3-6).

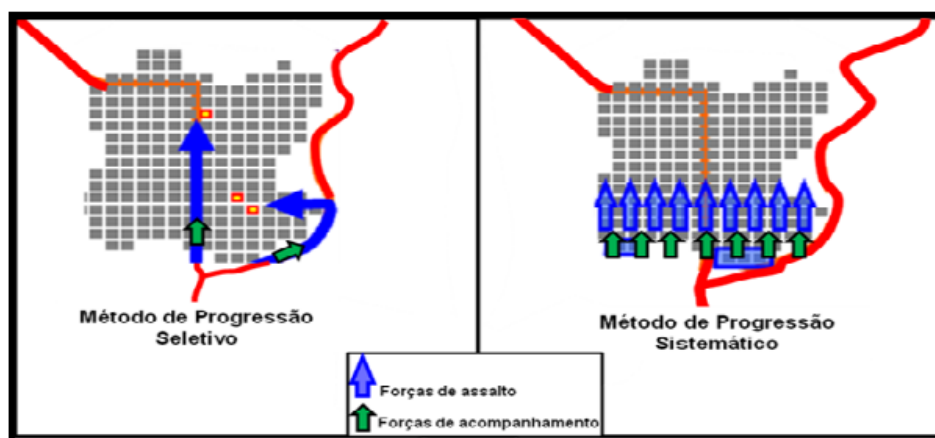


Fig 3-2 Escalonamento de forças

Sobre a utilização do método seletivo o manual trata da seguinte forma:

Se a situação permitir, o método seletivo (Fig 3-3) pode ser conduzido por intermédio de uma rápida penetração para conquistar regiões-chave da posição defensiva inimiga e, em seguida, executar a limpeza dos pontos fortes. (BRASIL, 2018, p 3-6)

Sobre a utilização do método sistemático o manual trata da seguinte forma:

Há situações que exigem abordagem sistemática (Fig 3-4), casa por casa, prédio por prédio, quarteirão por quarteirão, através da área edificada. Nesse caso, é imprescindível que todos os prédios sejam vasculhados, para que a progressão possa continuar sem focos de resistência à retaguarda. (BRASIL, 2018, p 3-6)

Por fim o manual apresenta que em função do dispositivo do inimigo em alguns setores pode-se utilizar a abordagem seletiva e em outros a abordagem sistemática, caracterizando o método misto.

O manual Operações em áreas urbanas, no tópico que trata do ataque, ainda apresenta aspectos do ataque coordenado e do ataque de oportunidade e das formas de manobra no ataque (envolvimento, desbordamento, infiltração, penetração e ataque frontal).

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MANUAIS NORTE-AMERICANOS

Inicialmente vamos apresentar alguns aspectos relativos a Operações em Ambiente Urbano do manual norte americano Infantry Battalion ATP 3-21.20. O referido manual apresenta alguns conceitos importantes acerca do assunto. No

capítulo primeiro o manual americano apresenta o conceito de operações em terrenos urbanos:

As operações em terreno urbano são operações de armas combinadas centradas na infantaria que capitalizam nos líderes inovadores em nível de esquadrão, pelotão e companhia. Os planos devem ser flexíveis para promover disciplinas iniciativa dos líderes subordinados, caracterizada por um esquema simples de manobra e medidas de controle detalhadas para interação com a população civil e / ou não-combatentes. No ataque, tarefa de organizar o batalhão força tarefa combinadas no lugar e na hora certa é a chave para alcançar os efeitos desejados... (EUA, 2017, p 1-3, tradução nossa).

Outro aspecto extraído do manual norte americano é a utilização combinada de armas, como a utilização da aviação e carros de combate junto à infantaria, como podemos observar no trecho a seguir:

Capacidades de reforço combinam sistemas ou capacidades semelhantes dentro da mesma função de combate para aumentar as capacidades gerais da função. Em operações urbanas, por exemplo, infantaria, aviação e armadura (movimento e manobra) freqüentemente operam próximos um do outro. Esta combinação reforça a proteção, manobra e capacidades de fogo direto de cada um. A infantaria protege os tanques da infantaria inimiga e antitanque sistemas; tanques fornecem proteção e poder de fogo para a infantaria. Ataque da aviação do exército e unidades de reconhecimento manobrar acima de edifícios para observar e disparar de posições de vantagem, enquanto outras aeronaves podem ajudar a sustentar os elementos de base... (EUA, 2017, p 1-6, tradução nossa).

Podemos observar também o emprego de snipers em operações de ataque à localidade, como observado no trecho seguinte do manual:

[...]O emprego inclui patrulhas de combate, emboscadas, contra operações de atiradores, elementos de observação frontal, operações em terreno urbano e operações retrógradas nas quais os atiradores são parte de forças deixadas em contato ou como forças que ficam para trás. (EUA, 2017, p 1-21, tradução nossa).

No manual americano observamos também a utilização de munição guiada, para atingir importantes alvos numa região urbana:

O comandante emprega tiros para apoiar as forças de reconhecimento e durante os disparos de preparação, usando precisão e outras munições para destruir o reconhecimento inimigo, forças de segurança e alto retorno identificado alvos e para interromper as manobras inimigas. Munições guiadas com precisão planejadas para limitar a permissão de danos colaterais engajamento eficaz de alvos pontuais. Por exemplo, munições guiadas com precisão podem ser usadas para destruir um alvo de alto pagamento durante um ataque a um objetivo urbano[...] (EUA, 2017, p 2-106, tradução nossa).

Vale ressaltar que o manual norte americano apresenta a importância das comunicações em uma operação em ambiente urbano e dos desafios para manter esta comunicação, como no trecho seguinte:

Durante as operações, a cobertura da área da unidade tática desmontada e a extensão da distância são uma grande preocupação para comandantes de unidade. As comunicações dentro de edifícios ou em terrenos urbanos são um desafio. (EUA, 2017, p B-26, tradução nossa).

O manual norte americano Infantry Battalion ATP 3-21.20, apresenta as capacidades e limitações do Batalhão de Infantaria em diversos ambientes operacionais, dentre eles está o ambiente urbano, porém as características e os fundamentos do emprego em operações de ambiente urbano está presente no manual norte americano Urban Operations ATP 3-06, como podemos observar no trecho do próprio manual Infantry Battalion ATP 3-21.20: “[...]Características e fundamentos das armas combinadas as operações em terreno urbano são abordadas no ATTP 3-06[...]” (EUA, 2017, p D-1, tradução nossa).

Desta forma vamos apresentar alguns aspectos importantes do manual norte americano Urban Operations ATP 3-06, para que possamos ao final deste estudo realizar as comparações e discussões necessárias.

O manual norte americano Urban Operations ATP 3-06 é um manual completo que aborda de uma forma ampla as operações em ambiente urbano. Dentre os tipos de operações em área urbana, o manual aborda a ofensiva e, dentro da ofensiva é apresentado o ataque em ambiente urbano.

O manual ATP 3-06 apresenta em seu capítulo primeiro diversas razões para que forças militares operem em áreas urbanas. São elas:

O ambiente urbano oferece vantagens defensivas, a área urbana abriga ameaças que podem atacar forças amigas em outros lugares, pessoas do ambiente urbano (sua lealdade e apoio), infraestrutura, capacidades ou outros recursos tem valor operacional ou estratégico, a área urbana tem significativa importância simbólica, a localização geográfica da área urbana domina uma região ou via de abordagem. (EUA, 2017, p 1-2, tradução nossa).

Segundo o manual americano o ambiente urbano consiste em terreno, população e infraestrutura. Dentro do terreno urbano o manual apresenta um importante aspecto que é a compreensão de sua natureza multidimensional, como podemos observar no trecho retirado do manual ATP 3-06:

Compreender o terreno urbano requer a compreensão de sua natureza multidimensional. Edifícios, ruas e outras infraestruturas têm padrões, formas e tamanhos variados. Esses fatores se entrelaçam e tornam difícil descrever uma área urbana “típica”. No entanto, esses vários fatores fornecem uma estrutura para a compreensão do terreno complexo em área urbana. Características feitas pelo homem afetam os sistemas militares e soldados / fuzileiros navais e, portanto, táticas e operações[...] (EUA, 2017, p 1-4, tradução nossa).

O manual norte americano ATP 3-06, apresenta o ataque como principal e mais comum operação ofensiva, como podemos observar no trecho do manual a seguir:

O ataque é a operação ofensiva mais comum e provável que as forças do Exército/Fuzileiros Navais realizam em um ambiente urbano. Comandantes conduzindo operações importantes e comandantes de grandes unidades táticas executam ataques deliberados. No ambiente urbano, unidades maiores que um batalhão raramente conduzem ataques precipitados. Ataques precipitados são comuns abaixo do nível da companhia, pois as unidades usam sua iniciativa para tirar vantagem de oportunidades. No entanto, unidades maiores conduzem ataques apressados quando as defesas inimigas são interrompidas ou despreparadas, ao tirar vantagem de uma situação inesperada e ao impedir que o inimigo estabeleça ou restabeleça uma defesa coerente. (EUA, 2017, p 4-8 e 4-9, tradução nossa).

O manual ATP 3-06 nos apresenta algumas considerações sobre a ofensiva em ambiente urbano:

As considerações da ofensiva urbana variam dependendo da situação e da escala da operação. Algumas considerações aplicáveis às operações principais que incluem uma área urbana aplicam-se ao nível tático. Contudo, não existem regras definidas. Todas as operações urbanas são únicas. Questões abordadas no nível operacional em uma situação pode ser abordado em uma nova situação apenas no nível tático. Sob as circunstâncias certas, uma consideração torna-se um problema operacional, um problema tático ou uma combinação dos dois. (EUA, 2017, p 4-9, tradução nossa).

O manual apresenta considerações sobre planejamento e execução das principais operações que o comandante pode incluir:

- Entendimento, Vigilância e reconhecimento integrados, Esforços de avaliação focados, Modelagem, Isolamento, Ação direta por forças de operações especiais, Operações de Informação, Reconhecimento detalhado do líder, Ordens de missão, Organização de tarefas eficaz, Engajamento, Consolidação, Transição. (EUA, 2017, p 4-9, tradução nossa).

Em relação ao Entendimento o manual ATP 3-06 apresenta algumas considerações que são importantes para que o comandante tenha uma consciência situacional da área de operações, como podemos perceber no trecho do manual abaixo:

A primeira consideração - e um requisito contínuo ao longo da condução das operações urbanas - é entender a situação. Os comandantes baseiam esse entendimento em informações detalhadas sobre o área urbana particular. Uma vez que o inimigo domina ou controla a maior parte da área urbana durante o planejamento fase de operações ofensivas, alcançar uma compreensão precisa do ambiente urbano será difícil. Um esforço abrangente de coleta de informações em apoio a um processo IPB rigoroso supera esse obstáculo. (EUA, 2017, p 4-10, tradução nossa).

Em relação a Vigilância e reconhecimentos integrados extraímos o seguinte

trecho do manual:

Comandantes de uma grande operação em uma área urbana de reconhecimento de alvos nas profundezas da área de operações e área de interesse. Eles aplicam recursos de vigilância e reconhecimento contra a área urbana frequentemente levando a operações terrestres decisivas[...] (EUA, 2017, p 4-10, tradução nossa).

O manual ATP 3-06 apresenta o isolamento como sendo essencial no contexto da ofensiva no ambiente urbano, pois nega ao inimigo apoio de outras tropas, como podemos observar no trecho do manual a seguir:

Os comandantes das principais operações urbanas consideram a importância do isolamento. Na história do urbano operações, uma chave para o sucesso tem sido o isolamento efetivo da força inimiga. Isso se aplica hoje e igualmente bem para grandes operações ofensivas urbanas como para ataques de unidades menores. Isolamento não apenas nega o acesso à área urbana de fora, mas também contém forças inimigas dentro[...] (EUA, 2017, p 4-13, tradução nossa).

Ainda sobre o isolamento o manual ATP 3-06 apresenta o seguinte aspecto:

Isolar o inimigo na área urbana do apoio externo, bem como isolar o inimigo das fontes de apoio dentro da área urbana, enfraquece a defesa geral. A defesa é enfraquecida por meio de uma combinação de desgaste (o inimigo não pode substituir as perdas) e o desvio do poder de combate da defesa para operações para conter o esforço de isolamento. O isolamento impede que o inimigo mude as forças para reforçar pontos decisivos na área urbana ou para realizar contra-ataque. (EUA, 2017, p 4-14, tradução nossa).

Vigilância persistente e fogos e manobra também são dois conceitos presentes no manual norte americano e que são importantes no isolamento. Além disso o manual aborda as possíveis reações do inimigo bem como as reações dos civis, fator que deve ser levado em consideração, como podemos ver no trecho a seguir do manual:

Os comandantes consideram os efeitos potenciais sobre (bem como as reações e percepções de) certas populações. Essas populações vivem em áreas urbanas que isolam e contornam forças amigas, seja de forma direta efeito ou como uma resposta da força inimiga isolada. Isolamento para reduzir a capacidade do inimigo de se sustentar terá efeitos semelhantes (e piores) sobre os civis que permanecem na área isolada. Se comida e água estão em falta suprimento, as forças inimigas tomam de não-combatentes para satisfazer suas necessidades, deixando os civis morrendo de fome. Isolamento também cria um colapso da autoridade civil dentro de uma área urbana, uma vez que se torna aparente que o braço militar da seu governo sofre uma derrota. Devido ao seu isolamento, elementos da população usurpam completamente o funções governamentais e administrativas do antigo regime e estabelecer seu próprio controle local, ou o população pode cair na ilegalidade. Retornando mais tarde, os comandantes do Exército / Fuzileiros Navais descobriram que esses residentes autogovernados estão orgulhosos de suas realizações e, em alguns casos, menos dispostos a permitir as forças do Exército / Fuzileiros Navais devem assumir o controle, uma vez que os civis podem perceber que as forças não fizeram nada para ganhar isso privilégio. Alternativamente, como testemunhado em algumas

áreas urbanas durante a Operação LIBERDADE IRAQUIANO em 2003, um vácuo de poder pode levar a conflitos intra-urbanos entre facções rivais, juntamente com a desordem pública geral, pilhagem e destruição da infraestrutura. (EUA, 2017, p 4-16, tradução nossa).

A ação direta por forças operações de especiais também é abordada no manual ATP 3-06:

Em operações ofensivas urbanas, o comandante considera a ação direta das forças de operações especiais. Embora as forças de operações especiais em operações ofensivas urbanas conduzam um reconhecimento essencial para apoiar operações das forças de operações especiais, eles também têm uma capacidade de ação direta para moldar a operação ofensiva. (EUA, 2017, p 4-16, tradução nossa).

Em relação a Operação de Informação o manual também mostra a importância do planejamento de uma operação de informação nas operações urbanas, como podemos perceber no trecho do manual:

[...]As operações de informação combinadas com o isolamento persuadem o comando superior ou liderança do inimigo que suas forças localizadas na área urbana são provavelmente derrotadas, afetando o comando superior ou as intenções da liderança de invadir o inimigo sitiado. Em formação as operações também servem para reduzir qualquer lealdade da população civil ao inimigo. Operações de informação garantir que os civis tenham informações que minimizem sua exposição ao combate e, como resultado, reduzam vítimas gerais de não-combatentes. Além disso, as operações de informação visam enganar o inimigo quanto ao hora e local das operações e intenções das forças do Exército / Corpo de Fuzileiros Navais. (EUA, 2017, p 4-17, tradução nossa).

O Reconhecimento detalhado do líder é um importante aspecto também descrito no manual ATP 3-06, pois faz com que o comandante tenha a verdadeira noção do ambiente que vai encontrar nas operações. Podemos observar no trecho a seguir do manual:

[...]Comandantes eficazes do Exército / Fuzileiros Navais conduzem o reconhecimento detalhado do líder de uma área de operações. Esses líderes reconhecem claramente o ambiente urbano para entender os desafios que suas brigadas enfrentam, batalhões, companhias, pelotões e esquadrões. O terreno urbano é enganoso até que seja visto do Perspectiva do soldado / fuzileiro naval. (EUA, 2017, p 4-17, tradução nossa).

Outro aspecto abordado são as Ordens de Missão, nas quais os comandantes deixam claro o que esperam no cumprimento da missão:

As ordens de missão permitem uma execução rápida e decisiva sem que os comandantes intervenham no nível de batalhão e acima. Comandantes de alto nível facilitam as ordens de missão por meio de seus subordinados por articulando seu estado final desejado, declarando claramente sua intenção e criando flexibilidade no plano geral. (EUA, 2017, p 4-18, tradução nossa).

Segundo o manual ATP 3-06 um importante aspecto considerado na ofensiva em operações urbanas é o Engajamento, e de acordo com o manual os comandantes

empregam métodos que incluem: “manobra rápida, apropriado uso de forças de operações especiais aplicação precisa de fogos e efeitos e equilíbrio adequado entre velocidade e segurança” (EUA, 2017, p 4-19, tradução nossa).

A consolidação também é apresentada no manual norte americano, da seguinte maneira:

Em operações ofensivas urbanas, o comandante considera a consolidação. Comandantes em todos os níveis consolidam para fortalecer sua posição durante as operações ofensivas urbanas sem perda de ímpeto. Eles tomam as medidas necessárias para tornar permanentes quaisquer sucessos temporários no campo de batalha / espaço de batalha enquanto mantendo uma pressão implacável sobre as forças inimigas. A consolidação reposiciona as forças, permite que as forças se preparem para contra-ataque, elimina bolsões de resistência e facilita a reorganização. (EUA, 2017, p 4-21, tradução nossa).

O último aspecto tratado pelo manual ATP 3-06 na ofensiva nas operações em ambientes urbanos é a transição, pois os comandantes devem estar preparados para seguir nas operações se for o caso. Podemos observar o seguinte trecho no manual:

Em operações ofensivas urbanas, o comandante considera a transição. A transição eficaz permite comandantes para continuar as operações terrestres unificadas na área urbana e em outras partes da área de operações sem atrasos desnecessários. Os comandantes fazem a transição de forma eficaz com um planejamento completo, incluindo ramificações e sequências apropriadas (revisadas conforme a situação muda) que dá consideração adequada aos requisitos organizacionais, de treinamento, psicológicos e civis pós-ofensivos. Se devidamente preparado, os comandantes podem antecipar em vez de reagir a possíveis mudanças na missão. (EUA, 2017, p 4-21, tradução nossa).

É importante salientar que a ideia deste estudo é apresentar aspectos importantes dos manuais norte americanos para que no capítulo seguinte possamos comparar com os aspectos do manual brasileiro C 7-20 para sugerir atualizações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise dos manuais brasileiros e americanos, citados no trabalho, pode-se verificar, claramente que ambos os países especificam razões claras e citam a importância de se conquistar uma localidade.

Um aspecto muito importante que pode-se encontrar no Manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C 7-20) e no manual norte americano Infantry Battalion, é considerar o emprego conjunto em operações de ataque a localidade, como por exemplo carros de combate, artilharia, helicópteros, cavalaria mecanizada, como foi citado no trabalho.

Pode-se notar, também, que as fases de emprego utilizadas aqui no Brasil e nos EUA são bastante semelhantes. Como citado anteriormente, aqui no Brasil utilizam-se as seguintes fases: isolamento da localidade; conquista de uma área de apoio na periferia da localidade; e progressão no interior da localidade.

O manual americano Urban Operations ATP 3-06, apresenta a importância do isolamento, de se conquistar uma área de apoio e também das formas de se progredir na localidade.

Ainda em relação às fases do Ataque a localidade notou-se uma pequena diferença entre os manuais Batalhões de Infantaria (C 7-20) e Operações em Áreas Edificadas EB70-MC-10.303, acerca da terceira fase, pois no manual C 7-20 é apresentado apenas a progressão sistemática, que consiste na progressão de toda a localidade, casa a casa, quarteirão a quarteirão.

No manual Operações em Áreas Edificadas observou-se que é apresentado além da progressão sistemática, a progressão seletiva, que consiste na progressão em alvos selecionados, e a progressão mista, que é o conjunto da sistemática e da seletiva.

De uma maneira geral observa-se que o planejamento e a execução de um ataque a localidade empregado no Brasil em muito se assemelha com o empregado nos EUA, pois ambos tratam de pontos em comum, como exemplos pode-se citar, o entendimento da natureza multidimensional do combate urbano, as considerações civis, a importância do reconhecimento, conquista de uma área de apoio, o investimento em si, o emprego de armas combinadas, seja com apoio de fogo, carros de combate, helicópteros, dentre outros.

Nota-se que tanto no Brasil como nos Estados Unidos da América existe um

manual específico que trata de Operações Urbanas, no caso dos Estados Unidos o Urban Operations ATP 3-06 e no caso do Brasil o manual de campanha Operações em Áreas Edificadas.

No próprio manual de campanha em Áreas Edificadas existe um trecho que apresenta que o manual é uma atualização sobre as operações em áreas edificadas:

A presente publicação doutrinária apresenta uma visão atualizada sobre as operações em área edificada, juntamente com sua inserção em operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências. (BRASIL, 2018, p 1-1).

Desta forma, nota-se que o manual de campanha em Áreas Edificadas detalha e se complementa com o Manual Campanha Batalhões de Infantaria no que se refere ao ataque a localidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Após análise e comparação do artigo XI, capítulo 4, do manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C7-20) com os manuais americanos Infantry Battalion ATP 3-21.20 e Urban Operations ATP 3-06, bem como com o manual, também brasileiro, Operações em Áreas Edificadas, EB70-MC-10.303, chegamos a conclusão de que os manuais brasileiros e americanos entendem e planejam as operações de um Ataque a Localidade de maneira semelhante, guardada as características de cada país, utilizando os mesmos fundamentos para a realização de um Ataque a Localidade.

Podemos observar, como citado anteriormente, que o manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C7-20) aborda o Ataque a Localidade citando diversos aspectos importantes porém sem uma profundidade maior.

No ano de 2018 o manual Operações em Áreas Edificadas, EB70-MC-10.303 foi aprovado trazendo uma profundidade e atualizações no que se refere às Operações Urbanas, e conseqüentemente acerca do ataque a localidade, aprofundando o assunto.

Podemos notar um aspecto importante que não está presente no C 7-20 e que encontramos no manual Operações em Áreas Edificadas. Este apresenta como forma de progressão no interior da localidade a sistemática, a seletiva e a mista, enquanto que o C 7-20 apresenta apenas a sistemática.

Destas análises e comparações verificamos que é importante que se mantenha o Artigo IX Ataque a Localidade, no capítulo 4, do manual de Campanha Batalhões de Infantaria (C 7-20), pois é uma grande referência e objeto de estudo dos militares do Exército Brasileiro. Porém sugerimos que seja acrescentado como forma de progressão no interior da localidade, além da sistemática, a seletiva e a mista para que esteja em acordo como manual Operações em Áreas Edificadas.

Ainda sugerimos que ao final do Artigo IX, Ataque a Localidade, seja feita uma referência do manual Operações em Áreas Edificadas, EB70-MC-10.303, para que o leitor que queira aprofundar sobre o assunto possa saber onde encontrar maiores detalhes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303: Operação em Área Edificada**. Brasília: Egccf, 2018.

_____. Exército. Estado-Maior. **C7-20 – Batalhões de Infantaria**, 3.ed. 2007.

SOARES, Fábio Eduardo de Almeida. **Os Estados Unidos da América no Emprego em Ambiente Urbano no Século XXI: Dificuldades encontradas e lições aprendidas**. 2019. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Aperfeiçoamento de Oficiais)- Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019.

YAMASHITA, Roderiky. **O emprego do pelotão de fuzileiros de um batalhão de infantaria motorizado no combate em área edificada na defesa externa contra inimigo com poder de combate superior**. Revista Giro do Horizonte, Brasil, Volume 4, n 2, 2015. p 2 a p 14, Junho, 2019. Disponível em <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/GH/article/view/2284>.

Exército Brasileiro. Força de Pacificação do Complexo da Maré completa 1 ano. Noticiário do Exército, 2015. Disponível em http://www.eb.mil.br/web/midia-imprensa/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/IZ4bX6gegOtX/content/forca-de-pacificacao-do-complexo-da-mare-completa-1-ano?inheritRedirect=false.

RIBEIRO, Cristiane. Livro conta história da pacificação dos complexos do Alemão e da Penha. EBC, 2012. Disponível em <https://memoria.ebc.com.br/2012/11/livro-conta-historia-da-pacificacao-dos-complexos-do-alemao-e-da-penha>.

CARVALHO, Jailton. Após greve da PM, Exército assume Segurança Pública da Bahia. O Globo, 2014. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/apos-greve-da-pm-exercito-assume-seguranca-publica-da-bahia-12210413>.

AMÂNCIO, Thiago e SANTOS, Bruno. Em meio a greve da PM, Natal tem dia “normal” com Exército nas ruas. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/01/1947439-em-meio-a-greve-da-pm-natal-tem-dia-normal-com-exercito-nas-ruas.shtml>.

G1 Ceará. Ceará recebe reforço de 2,5 mil soldados do Exército nas ruas durante o motim de policiais militares. Globo.com, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/02/21/ceara-recebe-reforco-de-25-mil-soldados-do-exercito-nas-ruas-durante-motim-de-policiais-militares.ghtml>.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of the Army, United States Marine Corps. Urban Operations ATP 3-06, 2017. Burlington, USA: Ashgate, 2014. 782p.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of the Army. Infantry Battalion ATP 3-21.20, 2017. 584p.

ANEXO B – PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO MANUAL DE CAMPANHA C 7-20

4.73. ATAQUE A LOCALIDADE

4.73.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.73.1.2. Em presença de uma localidade defendida, o atacante pode:

- 1) desbordá-la, isolá-la ou cercá-la;
- 2) torná-la insustentável, pelo bombardeio e pelo incêndio; e
- 3) atacá-la sistematicamente e capturá-la

4.73.1.3. Em princípio, o atacante procurará isolar ou desbordar uma localidade fortemente defendida. O desbordamento de uma localidade, normalmente, evolui para:

- 1) cerco (ou isolamento); e
- 2) limpeza; exigindo, em conseqüência, o emprego de forças para isolá-la e limpá-la.

4.73.1.4. O atacante poderá ser compelido a conquistar uma localidade por uma ou mais das seguintes razões:

1) somente a conquista da localidade lhe permitirá a utilização integral das estradas que para ela normalmente convergem; esta necessidade de conquista, obviamente, é tanto maior quanto maior a importância da localidade como nó rodoferroviário;

2) eliminação da ameaça potencial aos flancos e retaguarda da tropa atacante, representada pela existência de uma localidade desbordada ou mesmo cercada;

3) liberação, o mais cedo possível, das forças de contenção que fazem face à localidade, com o objetivo de empregá-las em outras missões;

4) captura de objetivo tático importante no interior da localidade ou por ela dominado, como, por exemplo, uma passagem num curso de água ou um aeródromo;

5) para proporcionar proteção e conforto às tropas, particularmente nos casos de clima frio ou em época de chuvas intensas, em terreno montanhoso e nas selvas: e

6) por questões morais, de prestígio perante a opinião pública e de estímulo ao espírito combativo da tropa, caso a localidade conquistada seja um importante centro de valor histórico, político, econômico ou militar.

4.73.1.5. Características do combate favorável ao atacante:

- 1) poder manobrar para isolar a localidade;
- 2) uma vez isolada a localidade, ter condições de:
 - a) passar ao ataque da área edificada;

b) manter o isolamento a fim de forçar os defensores a capitular; e

c) selecionar o ponto de entrada na área edificada, a direção e a hora do investimento.

3) poder confeccionar um plano de ataque detalhado, baseado em dados atualizados da localidade;

4) as operações na área edificada podem tomar uma característica dimensional favorável ao atacante. Pode-se, algumas vezes, ultrapassar edifícios ou quarteirões fortemente defendidos, prosseguindo por baixo dos mesmos, utilizando adegas, rede de esgotos, metrô ou outras passagens subterrâneas. Outras vezes poderão ser ultrapassados utilizando-se os tetos, terraços e sótãos dos edifícios. O processo a utilizar varia em cada caso, pois se deve esperar que o defensor tome as medidas para bloquear as Vias A à sua posição.

4.74. EMPREGO DO BATALHÃO

4.74.1. No ataque a uma localidade, e como decorrência das dimensões dela, um BI pode ser empregado em uma das seguintes situações:

1) fazer parte ou constituir a força que isola a localidade;

2) fazer parte ou constituir a força que investe na localidade; e

3) constituir a força que isola e investe na localidade.

4.74.2. Para desempenho dessas missões o BI recebe o reforço de elementos de carros de combate, cavalaria mecanizada, helicóptero (controle operacional), engenharia e o apoio ou reforço de artilharia de campanha e antiaérea. A artilharia mais adequada para o reforço é a autopropulsada, em virtude de sua manobrabilidade e da maior facilidade de entrada e mudança de posição.

4.75 FASES DO ATAQUE

4.75.1. Fases do ataque a uma localidade:

1) isolamento da localidade;

2) conquista de uma área de apoio na periferia da localidade; e

3) progressão no interior da localidade.

4.75.2. A primeira fase se destina ao isolamento ou ao cerco da localidade. O isolamento compreende o bloqueio das vias terrestres e aquáticas de entrada e saída da área considerada, tem por finalidade impedir a chegada de reforços e suprimentos para os elementos isolados, bem como impedir o reatamento destes. O cerco difere do isolamento pelo grau de controle exercido sobre os movimentos de entrada e saída da área. Caracteriza-se pelo controle total do perímetro da localidade por meio da observação de possíveis vias de acesso de infiltração/ exfiltração, quer por meio da ocupação de P Obs, emprego de patrulhas ou uma combinação de ambos, além do bloqueio das vias terrestres e aquáticas (realizado tal como o isolamento). O atacante ocupará, então, posições de bloqueio fora da área edificada, mas das quais poderá apoiar pelo fogo a entrada nessa área e a progressão através desta.

4.75.3. A segunda fase consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área edificada e na conquista de alguns prédios (área de apoio) na orla anterior da localidade (aproximadamente 1 (um) quarteirão), para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as Via A à localidade. As cobertas e abrigos oferecidos por esses prédios conquistados na periferia da cidade - área de apoio - permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para a frente as armas de apoio, reservas e reajustar o dispositivo.

4.75.4. A terceira fase consiste na progressão **no interior da localidade, podendo ser sistemática, de casa em casa, quarteirão por quarteirão, através da área edificada; seletiva, através de uma rápida penetração para conquistar regiões chave da posição defensiva inimiga, e em seguida executar a limpeza dos pontos fortes; ou mista, onde são utilizados os métodos sistemático e seletivo.** Nesta fase, adquire particular importância a coordenação das unidades empenhadas.

4.76. PLANEJAMENTO DAS AÇÕES

4.76.1. Reconhecimento

1) O reconhecimento é contínuo e deve ser realizado desde o recebimento da missão, intensificando-se quando as ações de isolamento ou cerco à localidade têm início.

2) Busca de dados

a) Para o isolamento ou o cerco de uma localidade os EEI são estabelecidos visando obter dados sobre:

(1) características das áreas adjacentes ao limite urbano, tais como:

- acidentes importantes do terreno;
- vegetação;
- vias terrestres e aquáticas;
- cursos de água;
- obras de arte;
- obstáculos; e
- outros dados julgados de interesse.

(2) valor e localização do inimigo nas áreas adjacentes ao limite urbano.

b) Para o investimento à localidade, os EEI são estabelecidos visando obter dados sobre:

(1) características da localidade e do terreno adjacente:

- as vias terrestres ou aquáticas e vias de acesso que conduzem ao interior da localidade;

- os setores de maior concentração da população;
- pontos característicos e edifícios mais altos;
- redes de esgotos, metrô, adegas e outras passagens subterrâneas;
- instalações de rádio e televisão;
- serviços de utilidade pública, edifícios público se construção de valor histórico;
- áreas abertas (praças, parques, estádios etc);
- áreas industriais, comerciais, residenciais etc;
- terminais rodoviários, ferroviários, aeroportos e portos;
- outros dados julgados de interesse.

(2) valor e localização do inimigo no interior da localidade

3) Fontes de dados

a) Devem ser exploradas todas as fontes que puderem proporcionar conhecimento sobre o inimigo e o terreno. São fontes importantes de dados:

- (1) prisioneiros de guerra;
- (2) material e documentos capturados;
- (3) habitantes da região;
- (4) refugiados;
- (5) interceptação de comunicações;
- (6) cartas, fotografias aéreas e fotos de satélites;
- (7) reconhecimentos terrestres e aéreos;
- (8) jornais, revistas e guias turísticos;
- (9) planta baixa e guia de ruas da localidade; e
- (10) relatórios e base de dados do escalão superior.

4.76.2. Isolamento

1) Decisão - Na montagem da L Aç para o isolamento ou cerco da localidade, o Cmt Btl deve atentar, principalmente, para os seguintes pontos:

- a) seleção dos Obj mais adequados ao isolamento/cerco;
- b) definição das direções de Atq das suas peças de manobra; e
- c) definição do Atq Pcp.

2) Objetivos

a) No isolamento: serão marcados nos acidentes capitais que dominam as vias terrestres que conduzem ao interior da localidade.

b) No cerco: serão marcados nos acidentes capitais que dominam as vias terrestres e as Via A que conduzem ao interior da localidade.

3) Direções - O Cmt Btl após designar os Obj que cada SU deve conquistar, pode dar-lhes também a direção em que deseja que eles abordem esses Obj ou, então, deixa essa decisão com os próprios Cmt SU. Essas direções devem ser balizadas por pontos nítidos do terreno, a partir da direção principal utilizada pelo Btl. Devem ser escolhidas levando-se em consideração a distância a ser percorrida e os contornos do terreno que facilitem a progressão da tropa.

4) Ataque Principal - O ataque principal de uma força cuja missão seja isolar/cercar uma localidade é determinado em função dos seguintes fatores:

a) quanto ao isolamento - incidir sobre acidentes capitais que bloqueiam a maior possibilidade de reforço do inimigo;

b) quanto ao apoio ao investimento - Incidir sobre acidentes capitais que apoiam a abordagem da localidade e o prosseguimento no interior em melhores condições, quer por oferecer condições topotáticas favoráveis, quer por estar ocupado pelo inimigo em condições de atuar sobre as forças do investimento;

c) quanto ao prosseguimento - Incidir sobre acidentes capitais que facilitam o prosseguimento após a ação na localidade;

d) todos os fatores devem ser reagidos entre si e analisados em conjunto, porém, a missão principal desta força é isolar/cercar (fator preponderante) a localidade.

5) Zonas de ação - No isolamento/cerco, a Z Aç é fixada para o Btl pelo Cmt Bda na sua ordem de operações, que para isso levou em consideração os seguintes fatores:

a) quantidade de objetivos de isolamento/cerco; e

b) o valor do inimigo nestes objetivos.

6) Limites - Os limites entre as SU do Btl que executa o isolamento/cerco são normalmente traçados ao longo dos acidentes do terreno facilmente identificáveis, de tal modo que seja evitada a divisão de responsabilidade por acidente capital do terreno.

7) Poder de combate

a) A definição do poder de combate necessário para a conquista ou ocupação dos objetivos que permitem isolar/cercar uma localidade, depende da quantidade de objetivos estabelecidos e se estes estão ocupados pelo inimigo. Para tanto deve ser considerado o seguinte:

(1) para o Atq Pcp: considerar “n + 1” Pelotões de Fuzileiros como a dosagem mínima para a conquista ou ocupação dos objetivos na sua Z Aç (sendo “n” o número de objetivos a ocupar ou o número de posições inimigas existentes nessas regiões;

(2) para o Atq secundário: considerar como dosagem ideal a mesma do Atq Pcp, admitindo-se, no entanto, a dosagem de “n” Pelotões de Fuzileiros para as ações; e

(3) reserva: devido a descentralização das ações e a possibilidade de ter que atuar em mais de uma direção impõe a necessidade de uma reserva no mínimo compatível [Cia Fuz (-)].

b) Para a conquista ou ocupação dos objetivo de isolamento/cerco, o ideal é que cada via terrestre ou Via A que conduz a localidade seja bloqueada por um Pel Fuz. Como em diversas situações isso não será possível, deve-se procurar posições que bloqueiem mais de uma via terrestre ou Via A economizando meios. Se ainda assim isso não for possível, deve-se deixar nessa P Bloq frações reforçadas por armas de apoio.

c) São válidas as considerações constantes do Nr (4) do item 4-24, deste capítulo, a cerca de poder de combate.

4.76.3. Investimento

1) Decisão

a) Na escolha da melhor L Aç para o ataque a uma localidade devem ser considerados os seguintes fatores:

(1) conquista da orla anterior e posterior;

(2) surpresa;

(3) convergência de esforços;

(4) simplicidade;

(5) segurança;

(6) obstáculos;

(7) posições para armas de tiro direto fora da área edificada;

(8) frentes das unidades de primeiro escalão através da área edificada; e

(9) constituição de reservas.

b) A decisão do Cmt não difere das decisões comuns do ataque. Deve regular apenas a operação de conquista da localidade e conter, se for o caso, a sua intenção sobre o prosseguimento. Devem ser focalizados, essencialmente, os seguintes pontos:

(1) objetivo a conquistar;

(2) direções de atuação;

(3) ataque principal; e

(4) elementos executantes e demais medidas de coordenação e controle, como ponto de ligação, linha de controle, limites e direção de progressão.

2) Objetivos

a) Quanto à sua posição relativa, os objetivos podem estar situados:

(1) na orla anterior, permitindo ao atacante reajustar seu dispositivo, cerrar à frente as armas de apoio e descentralizar o controle, tendo em vista a progressão na localidade;

(2) na orla posterior, caracterizando a ultimação da limpeza da localidade, possibilitando, de acordo com a situação, o reajustamento e os reconhecimentos para o desembocar da localidade, no prosseguimento das operações;

(3) no interior da área edificada, buscar atender às necessidades de segurança, limpeza e coordenação:

- quanto à segurança os objetivos podem estar situados sobre regiões na localidade que, em virtude de seu comandamento e situação face à progressão do escalão de ataque, exerça marcante ameaça sobre as tropas que progridam por Via A adjacentes. Sua conquista, portanto, proporciona a segurança necessária a outras peças de manobra;

- quanto à limpeza de área os objetivos podem ser localizados em instalações de administração e utilização pública (serviços essenciais), cuja manutenção seja importante para o prosseguimento das operações como controle populacional, segurança da tropa, utilização de recursos locais. Há que se considerar, todavia, que esta marcação estará condicionada a disponibilidade de peças de manobra para permanecer na manutenção do objetivo;

- quanto à coordenação sua marcação diz respeito às regiões que imponham mudança de dispositivo, direção e ritmo da operação, bem como às necessidades do comandante do batalhão em sincronizar as posições das peças de manobra com as possibilidades e necessidade do apoio de fogo (segurança do escalão de ataque), reservas e apoio logístico. Os objetivos exclusivamente de coordenação podem ser substituídos por linhas de controle (redução do tempo de parada e do adensamento de tropa).

b) Caso a Bda marque apenas os objetivos da orla posterior, o Cmt Btl marcará os objetivos na orla anterior e optará ou não pela marcação de objetivos no interior da localidade. A obrigatoriedade de assinalação de objetivo na orla anterior se justifica pela marcante mudança de ritmo da operação associada às imposições de segurança, uma vez que, as Via A de abordagem da localidade são interdependentes por força das estreitas frentes atribuídas às peças de manobra de 1º escalão. Caso a Bda marque a localidade como um todo à guisa de objetivo, caberá ao Btl marcar tanto os objetivos da orla anterior como os da orla posterior, optando ou não pela marcação de objetivo no interior da localidade. A manutenção de objetivo, após conquista, reorganização e consolidação, é impositiva nos objetivos da orla posterior (finais) e intermediários (de limpeza e de segurança).

3) Direções - No interior da área edificada as direções podem ser balizadas por ruas ou edifícios destacados. Normalmente, as ruas serão utilizadas para esse balizamento quando sua orientação longitudinal assim o indique e quando a localidade for densamente construída. Os edifícios ou pontos nítidos mais destacados serão referenciados em zonas menos densamente edificadas, as quais permitam sua boa visualização a distância, assim como em zonas onde o arruamento não apresente uma mínima regularidade geométrica.

4) Ataque principal - O ataque principal de uma força cuja a missão seja investir sobre uma localidade é determinado em função dos seguintes fatores:

a) Para conquista de objetivos na orla anterior:

(1) regiões que melhor retiram a observação terrestre e os fogos diretos do inimigo sobre as Via A para a abordagem da localidade, função do grau de mascaramento e dominância oferecido pelo terreno e edificações; e

(2) regiões que abrem prosseguimento para o interior da localidade em melhores condições, em virtude, principalmente, da favorabilidade relativa das Via A de prosseguimento.

b) Para conquista de objetivos na orla posterior:

(1) regiões que melhor caracterizam a ultimação da limpeza da localidade definido pelos quarteirões mais avançados, edificações e terreno dominantes e pela densidade das construções; e

(2) regiões que possibilitem melhores condições de prosseguimento após

investimento caracterizado pela proximidade e dominância dos objetivos sobre nova Via A (eixo de prosseguimento).

5) Linhas de controle - Em virtude da extrema compartimentação, diferença de densidade e grau de profundidade da área edificada, e das conseqüentes dificuldades de observação e de ligações, o controle tende a descentralizar-se até os menores escalões de comando, como pelotão e mesmo grupo de combate, transformando-se o combate em uma série de pequenas ações independentes. O Esc Sp assegura o controle das operações marcando linhas de controle, geralmente em eixos transversais ao movimento (ruas, avenidas, ferrovias, cursos de água). As unidades informam ao atingir uma linha de controle e dela só partirão para a seguinte, mediante ordem. As linhas de controle dispensam os objetivos marcados entre as orlas anterior e posterior da localidade com o propósito de coordenação, têm papel preponderante no controle do ataque, particularmente durante a terceira fase, e serão fixadas pelos diversos comandos até o escalão Cia Fuz, inclusive.

6) Zonas de ação

a) Em localidade fortemente defendida, quando se dispõe de poucas informações sobre o inimigo as Z Aç dos Btl de primeiro escalão são relativamente estreitas, podendo variar de 1 (um) a 4 (quatro) quarteirões. Uma companhia de fuzileiros, no ataque a uma localidade bem defendida, tem como frente normal a largura de 2 quarteirões. Identicamente um pelotão de fuzileiros, atacando uma posição de resistência organizada recebe uma Z Aç da largura de um quarteirão.

b) A Z Aç (Fig 4-37) a ser fixada dependerá de:

- (1) valor do inimigo;
- (2) dimensões e densidade dos edifícios; e
- (3) resistência esperada.

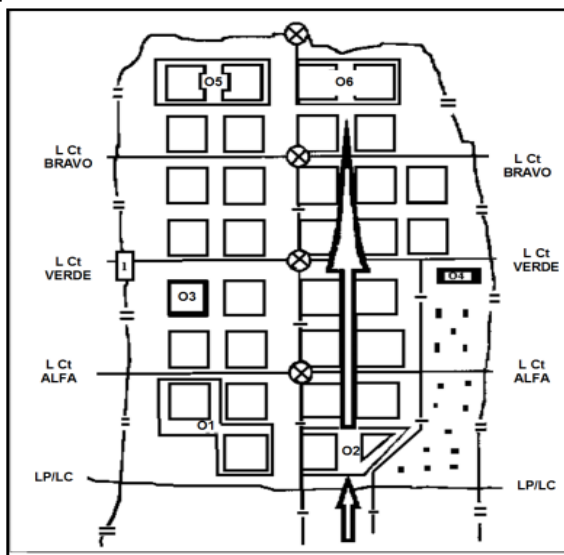


Fig 4-36. Esquema de manobra de um Btl no investimento a uma localidade

7) Limites

a) A observação restrita e as dificuldades de controle e coordenação tornam necessário marcar limites até o escalão pelotão inclusive. A marcação de limites evita que as unidades amigas se ataquem, facilita o apoio mútuo e assegura o vasculhamento de todas as construções da área edificada.

b) Na zona densamente construída, os limites passarão, normalmente, por um dos lados da rua, ficando a área da rua incluída na Z Aç de uma das unidades vizinhas.

c) Nas demais zonas da área edificada, os limites passam por dentro dos quarteirões, pelos quintais, de sorte que ambos os lados da rua ficam incluídos na Z Aç de uma unidade.

8) Poder de combate

a) Para a determinação do poder de combate a ser empregado no investimento são utilizadas como base as frentes normais atribuídas às Cia e Pel, como consta no subitem 6).

b) Quando a SU receber um objetivo no interior da localidade, seja ele de limpeza ou segurança, deverá receber mais um Pel Fuz, haja vista que haverá a necessidade de manutenção deste objetivo. Se isto não for possível, o Cmt de SU deve deixar uma fração que tenha condições de manter esse objetivo.

c) Para a determinação do poder de combate da reserva, pode ser que as restrições no combate no interior da localidade e as dificuldades de movimento, observação e comunicações tornem maiores as necessidades de reserva junto aos escalões mais avançados (Cia e Btl). Considera-se como boa a dosagem de uma companhia de fuzileiros reforçada por brigada, reserva fraca ou compatível por Btl e um Pel por SU do escalão de ataque.

9) Reserva

a) As missões básicas da reserva no investimento:

- (1) repelir contra-ataques; e
- (2) realizar a limpeza das resistências desbordadas;

b) Além disso a reserva pode receber a missão de:

- (1) atuar de flanco contra uma resistência inimiga que detenha uma das peças do escalão de ataque, beneficiando-se da progressão da peça vizinha;
- (2) corrigir erros de direção; e
- (3) substituir uma das peças do escalão de ataque.

c) Considerando a grande disponibilidade de cobertas e abrigos em área urbanas, conclui-se que as reservas terão condições de se deslocar imediatamente à retaguarda do primeiro escalão em condições de prontamente intervir no combate. A reserva da Bda, em princípio, segue o escalão de ataque defasada de 1 (um) a 3 (três) quarteirões, a do Btl de 1 (um) a 2 (dois) quarteirões e a da companhia provavelmente no mesmo quarteirão dos pelotões que realizam a limpeza.

4.76.4. Artilharia

1) Na 1ª fase a artilharia apoia com seus fogos a conquista ou a ocupação dos

acidentes capitais que permitem isolar a localidade, e pode executar fogos sobre posições inimigas localizadas na orla da localidade e que estejam executando alguma ação sobre as tropas que estão isolando a localidade.

2) Durante as 2ª e 3ª fases do ataque a artilharia pode ser empregada para manter isolada a localidade, colocando seus fogos sobre as Via A que conduzem aos acidentes capitais que dominam a localidade, nas saídas da área edificada, para evitar a chegada de reforços ou suprimentos para a guarnição que defende a cidade e para destruir os elementos que tentem se evadir da mesma.

3) Na 3ª fase podem ser realizados tiros previstos sobre cruzamentos de ruas ou edifícios destacados. todavia a eficácia do apoio de artilharia decresce sensivelmente em virtude da precariedade de observação e da proximidade das tropas amigas em relação aos alvos, podendo ser necessário um recuo da tropa atacante para que a artilharia atire sobre uma posição obstinadamente defendida. Tal procedimento é perigoso por permitir que o inimigo reocupe os edifícios que foram evacuados. Nesta fase as unidades autopropulsadas são as mais indicadas para emprego, em virtude de sua maior facilidade para seleção e ocupação das posições de tiro e também no deslocamento para as mudanças de posição, o que lhe proporciona um tiro mais preciso e direcionado para o alvo que se quer atingir. A descentralização da artilharia, chegando até a situação de reforço, é mais frequente em virtude da necessidade de uma ligação e coordenação mais efetiva com os elementos de 1º escalão.

4) A natureza dos tiros (percussão, de tempo, explosivo, incendiário ou fumígeno) e o volume de fogo a ser colocado sobre uma área edificada em poder do inimigo são determinados em função dos seguintes fatores:

- a) material de construção empregado (madeira ou alvenaria);
- b) dano que se pode esperar da artilharia atirando sobre posições inimigas conhecidas ou suspeitas;
- c) aumento do abrigo e da ocultação proporcionado ao inimigo pelos destroços provocados pelo fogo, particularmente quando se trata de casamatas de concreto construídas nos andares térreos; e
- d) atitude da população civil, se amiga, neutra ou inimiga.

5) As armas da AAAe podem ser muito úteis, caso possam ser empregadas em missões terrestres sem prejuízo de sua missão principal, devido ao grande volume de fogo que podem desencadear. Podem ser empregadas para neutralizar posições inimigas fora dos prédios ou em telhados e posições próximas as áreas ocupadas por tropas amigas. Elas são empregadas de maneira semelhante aos carros de combate, mas devido a sua grande vulnerabilidade, são localizadas à retaguarda dos elementos de 1º escalão.

4.76.5. Carros de Combate

1) Na primeira fase, os carros de combate são empregados com a força encarregada de isolar ou cercar a localidade.

2) Na segunda fase, são empregados para bater pelo fogo os prédios ou posições afastadas, na orla anterior da localidade.

3) Na terceira fase, em virtude da diminuição da sua capacidade de manobra, os carros são atribuídos em reforço aos Btl, onde vão constituir, nível Cia Fuz, as FT (Fig 4-38). Nessa fase, os carros de combate normalmente atuam como armas autopropulsadas, realizando tiro direto, à curta distância, ou são empregados como armas anticarro. Devem estar bem à frente durante o ataque e serem protegidos pela infantaria contra emboscadas, armas anticarro, minas e caçadores isolados de carros. Raramente precedem a infantaria. Os carros portadores de lança-chamas são empregados na redução de pontos fortes e para compelir os defensores a saírem dos abrigos. Todavia, o emprego da chama não pode ser indiscriminado, devido aos riscos de incêndios, capazes de dificultar e retardar a progressão do atacante.

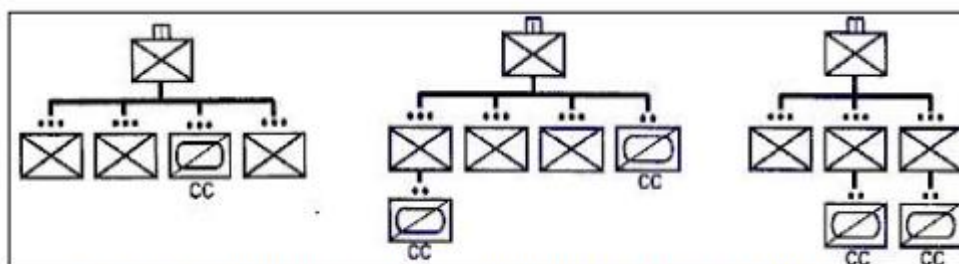


Fig 4-37. O emprego do Pel CC em uma FT Cia Fuz no Atq Loc

4.76.6. Cavalaria Mecanizada

1) Na primeira fase seu emprego principal é como elemento de proteção às forças empregadas no isolamento, principalmente durante a execução de movimentos laterais, face às direções prováveis de reforço inimigo, podendo ainda:

- a) reforçar a peça de manobra encarregada de isolar;
- b) ser empregada como reserva; e
- c) receber a missão de isolar.

2) 2ª fase: Seu emprego é semelhante ao carro de combate.

3) 3ª fase: Poderão receber Z Aç secundária, em virtude da pouca disponibilidade de fuzileiros orgânicos. As equipes infantaria carros de combate são as já existentes no nível pelotão de cavalaria mecanizada.

4.76.7. Lança-Chamas - Tanto portáteis como conduzidos em carros, os lança-chamas podem ser empregados pelo escalão de ataque. São particularmente úteis na destruição do inimigo abrigado em porões, esgotos, subterrâneos ou casamatas. Também são empregados na redução de barricadas nas ruas. O seu uso deve ser restrito ao necessário, haja vista a possibilidade da proliferação de incêndios.

4.76.8. Metralhadoras

1) Na primeira e segunda fase as metralhadoras são empregadas em apoio de fogo à conquista dos objetivos de isolamento e área de apoio.

2) Na terceira fase são empregadas na execução de fogos rasantes através dos eixos terrestres estabelecendo faixas de fogos ou zonas mortíferas, com a finalidade de impedir sua utilização pelo inimigo que for expulso dos prédios.

4.76.9. Morteiros

1) Nas 1ª e 2ª fases todos os morteiros das unidades de infantaria realizam seus fogos para auxiliar no isolamento da localidade e na conquista da área de apoio na sua orla.

2) Na 3ª fase são empregados sobre alvos que a artilharia não possa atingir por causa de sua trajetória mais tensa. Normalmente os morteiros são empregados:

- a) sobre objetivos nos telhados, utilizando alto explosivo com espoleta instantânea;
- b) contra posições no interior de edifícios, utilizando granadas de grande capacidade explosiva e espoleta de tempo;
- c) para provocar incêndios, utilizando granadas de fósforo branco e de fósforo branco plástico; e
- d) para cobrir movimentos de tropa, utilizando granadas fumígenas. Os morteiros são frequentemente empregados no estabelecimento de cortinas de fumaça locais, para cobrir a progressão através de ruas, parques, alamedas, quintais e outras áreas abertas.

4.76.10. Meios Anticarro

1) Na primeira e segunda fase são empregados apoiando pelo fogo a conquista do objetivo de isolamento e área de apoio;

2) Na terceira fase os alvos preferenciais serão seteiras e posições construídas. A distribuição de meios deverá buscar um equilíbrio entre os canhões sem recuo, míssil e carros de combate. Os canhões sem recuo reforçam os pelotões de fuzileiros. Seções de míssil anticarro, em princípio, devem permanecer em apoio direto ou reforço à SU que dispuser dos melhores campos de tiro no interior da localidade. Os CC serão colocados em reforço à SU que dispuser das melhores VA e campos de tiro para os carros.

4.76.11. Helicóptero

1) Na primeira fase há o predomínio das operações de combate tais como: assalto aeromóvel ou infiltração tática para conquista do objetivo de isolamento. Avulta de importância, ainda, as operações de reconhecimento, ataque e segurança aeromóvel.

2) Na segunda fase pode ser realizado o ataque aeromóvel em proveito da conquista da área de apoio.

3) Na terceira fase o ataque aeromóvel é realizado em proveito da progressão do escalão de ataque.

4) Podem ser realizadas em todas as fases outras operações aeromóveis como observação aérea, ligação de comando, transporte tático aeromóvel e suprimento aeromóvel.

4.76.12. Comunicações - Durante a terceira fase, as estruturas metálicas dos edifícios ou outras obstruções restringem a utilização do rádio, principalmente FM, não podendo, portanto, o sistema de comunicações ficar na dependência de seu emprego. O sistema mensageiro, meios visuais e acústicos serão amplamente explorados.

4.76.13. Engenharia

- 1) A engenharia de apoio pode ser empregada para:
 - a) limpeza de campos de minas AC e AP e de armadilhas nas Via A e outras áreas;
 - b) limpeza de destroços e outras barreiras nas principais ruas e estradas; e
 - c) execução de demolições.
- 2) Normalmente, o batalhão recebe um pelotão de engenharia em apoio direto.

4.77.EXECUÇÃO

4.77.1 O ataque se desenvolve nas três fases em que foi planejado. Não há, quanto à execução, separação nítida nem demora prolongada entre a segunda e terceira fase. Uma vez conquistada a área de apoio e cerrados os meios à frente, tem início a terceira fase, como natural prosseguimento da segunda. O Cmt intervém no combate como em outras operações ofensivas.

4.77.2. Isolamento da localidade (primeira fase) - A conquista dos objetivos de isolamento é feita nos mesmos moldes que um ataque em terreno normal. O Cmt da tropa que planeja esta fase da operação deve prever um dispositivo, nos objetivos de isolamento, que permita a segurança em todas as direções, de modo a que possa cumprir eficientemente a sua missão.

4.77.3. Conquista da área de apoio (segunda fase)

- 1) Processa-se de maneira semelhante ao ataque a uma posição organizada em terreno normal.
- 2) A fim de neutralizar as vantagens do defensor quanto à vistas, campos de tiro e abrigos, a progressão para a orla da cidade se fará sob a proteção de fogos intensos de morteiros, metralhadoras, artilharia, carros de combate, mísseis e aviação. Emprega-se fumígenos com freqüência, seja para cegar observatórios, seja para encobrir movimentos em terreno descoberto.
- 3) Após a conquista da área de apoio, na orla, o escalão de ataque deve ser reorganizado de sorte a permitir:
 - a) o reajustamento do dispositivo das pequenas unidades, particularmente no nível pelotão, visando a constituir as equipes de infantaria-carros-armas de apoio;
 - b) deslocamento das armas de apoio e das reservas para a orla da localidade;
- 4) A permanência na área de apoio deve ser reduzida ao mínimo estritamente

necessário a essa reorganização.

4.77.4. Progressão no interior da localidade (terceira fase) - Nessa fase, as ações se descentralizam para os comandos subalternos, até o escalão pelotão e, muitas vezes, grupo de combate. A progressão é lenta e coberta pelo fogo. O escalão de ataque normalmente, evita progredir pelas ruas, porque são batidas pelos fogos inimigos. Sua progressão será feita através de quintais ou de quarteirões, através dos prédios, por brechas abertas nas paredes, ou pelos telhados. As ruas transversais, mesmo que não tenham sido designadas como linhas de controle, apresentam às pequenas frações uma ocasião de reajustamento do dispositivo, antes de prosseguir para a conquista do quarteirão seguinte. As reservas devem progredir o mais à frente que for possível, para permitir maior segurança ao escalão de ataque, não apenas nos flancos, mas, também, à retaguarda, pela ocupação de prédios já conquistados, para impedir a sua retomada pelo inimigo. Os CC atuam como armas autopropulsadas e anticarro, em reforço aos menores escalões. Esta fase oferece inúmeras possibilidades de surpresa e de riscos para o atacante, não só pela localização das armas da defesa em locais imprevisíveis e difíceis de determinar, como, também pelo abundante emprego, por parte do defensor, de minas, armadilhas e demolições preparadas, e pela utilização de Via A subterrâneas, ao nível do solo, através dos andares dos prédios e, mesmo, pelos telhados.

4.77.5. Limpeza

1) Nas localidades fortemente defendidas, a limpeza é feita, casa a casa, quarteirão por quarteirão, pelo escalão de ataque, à medida que progride, permitindo assim que a reserva esteja em condições de emprego numa missão qualquer.

2) Poderão ocorrer situações em que a limpeza da área edificada não será realizada pelas forças em 1º escalão, e sim pelas tropas de acompanhamento. Como exemplos, pode-se citar a conquista de um acidente capital no interior da localidade como ponte ou nó rodoviário, o qual poderia ser destruído pelo inimigo caso houvesse tempo suficiente após o início do ataque ou em localidade fracamente defendida, cujo interesse maior é a conquista de objetivos na orla posterior. Uma forma de se cumprir essa missão é o movimento em força do escalão de ataque embarcado, no interior da localidade, por dois eixos de progressão. As frações testa de cada elemento reconhecem seus eixos imediatamente antes da passagem dos demais. Ao ser estabelecido o contato, parte dos elementos desembarcam para garantir o prosseguimento dos demais. Uma vez conquistado o objetivo o escalão de ataque estabelece um dispositivo de defesa circular, ampliando suas dimensões até a conquista do terreno adjacentes que comprometa sua segurança. As resistências desbordadas são limpas pela reserva.

3) É imprescindível que todos os prédios sejam completamente vasculhados para evitar que focos de resistência não eliminados venham a constituir ameaça ou envolver as linhas de comunicações, suprimento, evacuação bem como reservas de apoio. Quer se penetre num prédio pelo telhado, por um andar de edifício (através de brechas nas paredes, por exemplo) ou ao nível do solo, o vasculhamento deverá, sempre, se processar do alto para baixo.

Para maiores informações acerca do ataque a localidade consultar o manual Operações em Áreas Edificadas, EB70-MC-10.303.